



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 13

Memórias e História da Agroecologia



Agroecologia e produção orgânica: uma alternativa ao desenvolvimento rural do capital?

Agroecology and organic production: an alternative to the rural development of capital?

SANTOS, Suenya

Universidade Federal Fluminense/Campus Rio das Ostras, suenyasantos@id.uff.br

Tema Gerador: Memórias e história da agroecologia

Resumo

O presente artigo tem como objetivo recuperar o debate e fomentar sua permanência em torno da temática da agroecologia e da produção orgânica e sua vinculação a projetos societários de desenvolvimento. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa bibliográfica em que destacamos autores nacionais e internacionais que vêm influenciando o debate brasileiro. Superando o tecnicismo pretende-se contribuir para uma práxis que revolucione o modo de produção e a sociabilidade vigentes.

Palavras-chave: produção agrícola; consumo; conhecimento; revolução.

Abstract

The present article aims to recover the debate and promote its permanence around the theme of agroecology and organic production and its linkage to society development projects. In this sense, we carried out a bibliographic research in which we highlight national and international authors that have been influencing the Brazilian debate. Overcoming technicality is intended to contribute to a praxis that revolutionizes the current mode of production and sociability.

Keywords: agricultural production; consumption; knowledge; revolution.

Introdução

O campo da agroecologia, enquanto epistemologia e experiência prática, vem se desenvolvendo desde os anos 70, como um contraponto à agricultura convencional, isto é, à agricultura industrializada e financeirizada. No Brasil, a partir dos anos 90 são vários os movimentos sociais camponeses que, congregados pela Via Campesina, apostam na agroecologia como uma alternativa à produção agrícola capitalista, investindo na formação de agricultores nessa perspectiva. Ademais, organizações sociais, como a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA), dentre outras, bem como institutos de pesquisa, como a Embrapa e outros, vinculados a universidades, de forma diferenciada, também vêm se dedicando ao aprofundamento dos princípios teórico-metodológicos da agroecologia.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



Metodologia

Para aprofundamento da temática realizamos pesquisa bibliográfica recuperando autores internacionais e nacionais que têm tido influência no debate brasileiro.

O conceito de agroecologia

Sevilla Guzmán (2005) indica que a busca por uma agricultura alternativa à convencional, leia-se industrial, não é algo novo na história. Desde o início do século XX se somam formulações que buscam saídas tecnológicas, nem sempre declaradas anti-capitalistas. Nas últimas décadas se constituiu o campo da agroecologia que associa a dimensão técnica à política e social, na defesa de um desenvolvimento rural sustentável. Nessa perspectiva, a questão agrária é apenas o ponto de partida para evidenciar a questão socioambiental que atravessa as relações sociais. Em outros termos, a forma atual de monopolização da terra “esconde” a natureza e as novas formas de expropriação e exploração da força de trabalho, bem como de esgotamento dos recursos e bens naturais.

Por outro lado, a sustentabilidade vem sendo institucionalizada de forma a escamotear o processo supramencionado. Na acepção do autor há uma inversão que desloca a origem da ameaça socioambiental das relações sociais capitalistas para a abundância de pobres no mundo, recuperando o ideário malthusiano.

Dessa forma, identifica-se que a estratégia do capital é separar a dimensão técnico-operacional das dimensões política e social, ou seja, separar a economia da sociedade, para continuar seu processo de acumulação, dando a ele uma roupagem moralmente aceitável, sob o selo “sustentável”. Mesmo considerando essa captura do termo “sustentabilidade”, alguns teóricos (Sevilla Guzmán, 2005; Altieri, 2012) afirmam que se trata de defender a agroecologia como uma “revolução agrária” (Altieri, 2012). Contudo, destaca-se que a revolução agrária, sem revolucionar o conjunto das relações sociais pautadas pela lógica do mercado, está fadada ao fracasso, tendo em vista que o modo de produção capitalista deve ser alterado em sua totalidade. Nessa perspectiva, com base na ciência, na Metodologia e na técnica, em diálogo com os saberes tradicionais, é possível construir uma transição agroecológica que promova a autonomia dos agricultores dos pacotes tecnológicos do agronegócio e do seu crédito associado; que resgate a biodiversidade e que garanta a soberania alimentar dos povos. Grosso modo, o desenvolvimento rural do pós-II Guerra Mundial ao agronegócio tem sido associado à “modernização”, o que é sinônimo de dependência de máquinas, fertilizantes e defensivos químicos, transgenia. Por outro lado, o aumento de pragas permanece alimentando um círculo vicioso. Em outros termos, trata-se da intensificação e expansão



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



da ruptura com o saber e culturas tradicionais em prol da supremacia dos interesses do mercado capitalista. Não se trata de negar ou desprezar o desenvolvimento tecnológico. Decerto, ele deve atender às necessidades sociais. Não obstante, não se deve cair na armadilha de considerar tal desenvolvimento como neutro, quando na verdade atende a interesses econômicos distintos.

Destarte, na contramão do agronegócio, o desenvolvimento rural sustentável com base na agroecologia supõe: autonomia dos agricultores; aproveitamento de recursos do agroecossistema; utilização dos impactos positivos do ambiente ecológico, econômico, social e político em seus diferentes níveis, do micro ou macro; tolerância ou aceitação de condições biofísicas adversas; estabelecimento dos mecanismos bióticos de regeneração de materiais deteriorados; valorização dos conhecimentos locais; estabelecimento de circuitos curtos para o consumo; valorização da biodiversidade, biológica e sociocultural (Sevilla Guzmán, 2005).

Agregando mais um argumento substantivo, Altieri indica que :

O objetivo final do modelo agroecológico é melhorar a sustentabilidade econômica e ecológica dos agroecossistemas, ao propor um sistema de manejo que tenha como base os recursos locais e uma estrutura operacional adequada às condições ambientais e socioeconômicas existentes (Altieri, 2012, p. 114-115).

Devemos ainda destacar que a produção e o circuito de consumo local não significam isolamento social, mas a recuperação da capacidade criadora e criativa dos sujeitos sociais, organizados coletivamente, para enfrentar a problemática socioambiental a partir das possibilidades e recursos comunitários. Ainda assim, para não cair na armadilha do isolamento, deve-se articular essa luta a um projeto societário que altere de fato a estrutura que sustenta as relações sociais, implicando num planejamento da produção em nível mundial. Nesse sentido, não se reivindica qualquer retorno a um comunismo primitivo, mas a recuperação do protagonismo dos próprios produtores, numa teia social ampliada. Esse processo envolve a coevolução com o ambiente, na construção dos saberes e práticas, apropriando-se do conhecimento científico acumulado socialmente. Trata-se, portanto, não somente de resistência, mas de enfrentamento à expansão das relações sociais capitalistas na contemporaneidade.

Não obstante, há uma questão latente que o mercado insiste em levantar, mas que seguramente não é ele que tem dado uma resposta satisfatória ao nível do suprimento das necessidades básicas e da emancipação humana: *como alimentar a população mundial com base na agroecologia?* O desafio está na transição agroecológica que



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



supõe a resolução dos problemas socioambientais sem comprometer a produtividade, ao mesmo tempo em que não se aprisiona às demandas por reformas que apenas reiteram a acumulação de capital.

Recorrendo a Gliessman, Caporal (2013) indica que a transição agroecológica implica: em uma escolha ético-política que incida não apenas no consumo, mas na produção e na organização social em sua totalidade; na eficiência de práticas agrícolas convencionais, buscando a redução de danos ao meio ambiente; na substituição gradual das práticas convencionais por práticas pautadas no equilíbrio ambiental; e, ainda, num redesenho dos agroecossistemas, que reúna um conjunto de processos ecológicos complexos. Em outros termos, não se trata de uma mera mudança técnico-operacional, mas de uma escolha ética e política que envolve processos socioculturais, econômicos e ecológicos, submetendo a ciência às necessidades sociais.

Complementando essa linha argumentativa, recorreremos a Machado e Machado Filho (2014) quando afirmam que a agroecologia é capaz de produzir em grande escala, desfazendo os mitos criados pelas próprias multinacionais do ramo da produção alimentícia. Nesse sentido, afirmam que a agroecologia não é mais cara do que a agricultura modernizada, pois: “ao não usar agrotóxicos e ao maximizar a captação de energia solar, tem seus custos menores que a produção convencional” (p. 40). Ademais os autores sustentam que há estudos que comprovam que maior produtividade da agricultura agroecológica do que a do agronegócio. Dessa forma, se reforça o argumento do necessário investimento na transição agroecológica para a produção e alimentos e comida de verdade para a humanidade.

Produção orgânica de alimentos e agroecologia: enfrentando polêmicas

Costa Neto (2008) problematiza a relação entre agronegócio e agroecologia no desenvolvimento rural brasileiro, abordando ainda as diferenças entre agroecologia e produção orgânica. Tal debate se faz importante na perspectiva de superar uma abordagem simplista que reduz toda uma proposta de revolução agrária, sustentada pela agroecologia ao aspecto da forma, isto é, da técnica, como se esta fosse neutra. Com efeito, essa suposta neutralidade técnica esconde uma produção que visa a lucratividade e não mudanças qualitativas para quem produz e quem consome os produtos do mercado de orgânicos.

No sentido de aprofundar o debate, o autor estabelece uma diferença entre agroecologia e produção orgânica, indicando que enquanto esta se reduz a uma técnica que dispensa ou reduz os agrotóxicos na produção agrícola, voltada para um nicho de



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL



mercado, a agroecologia é uma concepção de ciência produzida a partir de diversos campos de conhecimento, que visa uma agricultura ecologicamente sustentável. Em síntese, afirma que:

[...] a agricultura orgânica, por si só, não estaria contribuindo efetivamente para a transição agroecológica, na busca por uma agricultura ecológica que superasse os limites da agricultura convencional, não apenas em termos da “revolução tecnológica” mas, fundamentalmente, no plano sociocultural (Costa Neto; Coutinho, 2003 apud Costa Neto, 2008, p. 73).

Para se ter uma noção do nível de integração da produção orgânica ao agronegócio, o autor supracitado esclarece que, em 2002, foi criada a Associação do Agronegócio Certificado Orgânico, que reúne segmentos da cadeia comercial de orgânicos entre RJ e SP. Isto significa dizer que os produtos estão sujeitos às leis do mercado de alimentos, ditados por regras estabelecidas pelos organismos internacionais de certificação. Ou seja, há um interesse internacional por controlar essa produção nos países em desenvolvimento, onde a mão de obra é mais barata para nichos do mercado internacional, como no caso de alguns países europeus. Canuto (cf. COSTA NETO, 2008) denomina esse processo de absorção da produção orgânica pela lógica do mercado de Agricultura Ecológica de Mercado (AEM).

Na contramão desse modelo de produção orgânica que integra o agronegócio, a agroecologia submete a técnica e a produção à preservação do saber e da cultura tradicionais e o consumo à soberania alimentar. Trata-se, portanto, do desafio de agregar conteúdo à forma. Queremos dizer que nenhuma técnica isoladamente é em si conservadora ou progressista, reacionária ou revolucionária. Nesse sentido, é preciso reconhecer a que projetos societários os modelos produtivos e sua perspectiva científica se vinculam.

Conclusões

São vários os desafios para este campo. Na direção da retomada da construção de uma perspectiva socialista, as experiências agroecológicas do campesinato não podem ser desprezadas, assim como não podem ser subestimados seus limites nessa ordem.

Num cenário de ameaça à soberania alimentar e nutricional em escala internacional, faz-se imprescindível o debate público sobre os diferentes modelos produtivos e sua vinculação a projetos societários. Nesse Contexto, compete às lutas sociais, -protagonizadas por movimentos camponeses que detêm essa sabedoria, aliadas à produção



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 13

Memórias e História da Agroecologia



de conhecimento comprometida com a emancipação humana, - incorporar a questão socioambiental ao projeto socialista, construindo um programa de desenvolvimento rural em acordo com as necessidades rurais e urbanas em âmbito mundial.

Dessa forma, a agroecologia possui múltiplas dimensões para além da técnica, que dizem respeito ao modo de produzir e de viver que alia saberes tradicionais ao conhecimento científico acumulado para reduzir o esforço do trabalho humano no processo de trabalho e não para aumentar a lucratividade das frações que dominam mercados. Com efeito, deve-se reconhecer as dimensões econômica, social, política, ambiental, cultural e ética no campo agroecológico, valorizando os saberes e práticas das populações camponesas e tradicionais em prol de uma sociabilidade verdadeiramente emancipada. Nesse sentido, há uma superação da visão tecnicista que tende a dominar o campo da produção orgânica.

Em outros termos, a construção científica e cotidiana da agroecologia supõe o enfrentamento da expansão das relações sociais capitalistas em sua ganância pela apropriação de bens naturais e pela exploração da força de trabalho que se expressa no meio rural por meio do agronegócio. Este tem sido sinônimo: de expropriações de terras de populações camponesas e tradicionais, fazendo recrudescer a violência no campo; de superexploração da força de trabalho por meio de sistemas de integração dos pequenos agricultores. Tais fenômenos compõem uma engrenagem que favorece às grandes corporações do mercado mundial da produção e distribuição de alimentos. Na contramão, a agroecologia supõe a organização política de produtores e consumidores, o reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais, a aliança com o conhecimento científico na construção de uma transição que tenha como perspectiva a autonomia dos produtores, o cultivo de alimentos diversificados e saudáveis que portem nutrientes e cultura para a construção da segurança e soberania alimentar e nutricional de trabalhadores do campo e da cidade.

Agradecimento

À CAPES/PDSE (processo 5364/13-2) que financiou os meus estudos fora do país.

Referências Bibliográficas

ALTIERI, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3. ed. rev. ampl. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 13

Memórias e História da Agroecologia



CAPORAL, F.R. Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e o nosso legado para as futuras gerações. In: SAUER, S. e BALESTRO, M. V. (orgs.). *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

COSTA NETO, C. Relações entre agronegócio e agroecologia no Contexto do desenvolvimento rural brasileiro. In FERNANDES, B.M. (org.) *Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual*. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

MACHADO, L.C.P E MACHADO FILHO, LCP. *A dialética da agroecologia*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

SEVILLA GÚZMAN, E. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. In: AQUINO, A.M de; ASSIS, R. L (editores técnicos). *Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.